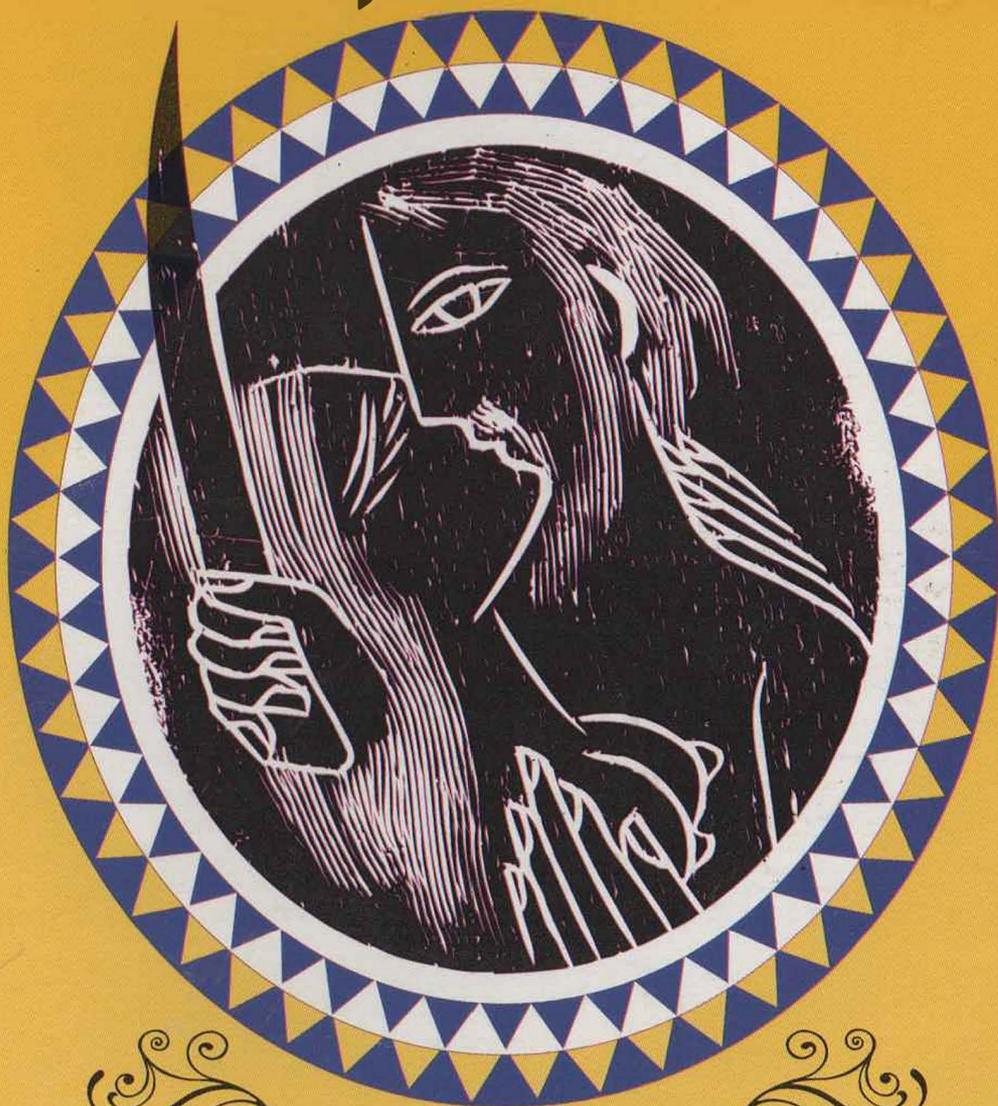


O verdadeiro amor de Domitila,
A Marquesa de Santos



Admar Branco

Capa: Klévisson Viana

Copyright © Admar Branco
Todos os direitos reservados
admarbranco@admarbranco.com

A não ser para breves citações em resenhas críticas ou outras modalidades autorizadas pela Lei dos Direitos Autorais (lei federal 9.610, de 19.02.1998), nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, armazenada, tornada pública ou transmitida por qualquer meio (impresso, eletrônico ou qualquer outro, incluindo fotocópia, radiodifusão ou via Web, com emprego de qualquer método de armazenamento de dados) sem autorização escrita prévia de Admar Branco Brandão, cadastrado na Agência Brasileira do ISBN com o prefixo editorial 908581.

CAPA: Projeto e diagramação de Klévisson Viana para xilogravura de Ciro Fernandes.

POSFÁCIO: Paulo Cesar Martinez y Alonso

IMPRESSÃO: Editora Teatral Ltda

B816

Branco, Admar.

O verdadeiro amor de Domitila, a Marquesa de Santos / Admar Branco. – 1. ed. – Rio de Janeiro : A. Branco, 2008.

24p. : il. col. ; 15cm.

Conteúdo parcial: De como Lampião salvou Domitila da humilhação / por Admar Branco, com idéia de Leônidas Cardoso Jr.

ISBN 978-85-908581-0-2

1. Literatura de cordel. 2. Santos, Domitila de Castro Canto e Melo, Marquesa de, 1797-1867– Ficção. 3. Lampião, 1900-1938 – Ficção. I. Título. II. Título: De como Lampião salvou Domitila da humilhação.

CDD398.5

Catologação na fonte elaborada pelas bibliotecárias Cristina Bandeira CRB 7/3806 e Stela Pacheco CRB 7/4087

Depósito na Biblioteca Nacional, conforme lei federal 10.994, de 14.12.2004.

Admar Branco

**O verdadeiro amor de Domitila,
a Marquesa de Santos**

1ª edição

Rio de Janeiro

Edição do Autor

2008

“Texto excelente para alunos e professores tomarem conhecimento de estórias que a história não contou, com dados pitorescos que temperam e contribuem para enriquecer cada vez mais o que se conhece e o que se desconhecia da fascinante história. Estão, pois, todos convidados a ler, apreciar e recomendar.”

Gonçalo Ferreira da Silva, sobre O verdadeiro amor de Domitila, a Marquesa de Santos - presidente da Academia Brasileira de Literatura de Cordel, que em 7 de setembro de 2008 comemora 20 anos de funcionamento

“A literatura de cordel tem origem europeia, de Espanha e Portugal, trazida pelos colonizadores para o Brasil, em estilo de panfletos, mas aqui tomou forma de livretos e enraizou-se, tornando-se histórias fantásticas e fatos reais, e também notícias de acontecidos no Brasil e no mundo, levados aos longínquos sertões do Nordeste pelos autores, poetas e cantadores de feiras, como também os cantadores repentistas que cantavam noites inteiras nas fazendas dos coronéis daquele tempo, e hoje está sendo divulgado nas escolas primárias e nas faculdades por professores e alunos de graus superiores.”

Mestre Azulão, cordelista, um dos fundadores da Feira de São Cristóvão, onde comparece todo domingo



Quando a paulista **Domitila de Castro Canto e Melo**, posteriormente **Marquesa de Santos**, conheceu **Dom Pedro de Alcântara**, já se separara do alferes Felício Pinto Coelho de Mendonça, fidalgo da Casa Real com quem teve três filhos.

Então casado com **Leopoldina**, Dom Pedro iniciou o romance em São Paulo exatos nove dias antes da Proclamação da Independência (a 29 de agosto).

Teria sido ela o elixir da virilidade que inspirou a ação grandiloquente do príncipe apaixonado? Era como se, com uma das mãos, o Imperador desfrutasse a amante, enquanto com a outra, brandindo a espada, já ensaiasse o gesto para o **Grito do Ipiranga!**

Empolgado com Domitila a ponto de instalá-la em palacete próximo ao Paço, Pedro terminaria a relação de forma nada elegante, cedendo a imposições externas para que ela partisse da Corte, como condição para um casamento de cunho político buscado desde a morte de Leopoldina, em 1826.

*Paredes são construídas
Pra circundarem alcova
Que é recinto sagrado
Onde o amor se renova
E por vezes, sem pudor,
Comete "crime de amor"
Sem agravante de prova*

*Ah, meu amor se eu pudesse
Tornar as horas imensas
Fazer as noites eternas
Viver orgias mais densas
Ser másculo mais que os mais
Para arrancar dos teus ais
As mais doces recompensas*

(Manoel Monteiro, in "Mulher gosta de ouvir...")

A exigência para a convenção matrimonial com a noiva Amélia, a Princesa de Leuchtenberg, fundamentava-se nos boatos que já corriam a Europa, a respeito do relacionamento extraconjugal do imperador — badalado muito em consequência de notícias disseminadas pelo colunista de celebridades daquele tempo, o ubíquo **Príncipe de Metternich**, chanceler austríaco.

Quatro anos após, de volta a São Paulo, Domitila iniciaria seu convívio com o brigadeiro **Raphael Tobias de Aguiar**, que lhe deu seis filhos e nova aliança de casada, aos 45 anos de idade. O brigadeiro — um alto posto no Exército — defensor de idéias liberais viria a se tornar presidente revolucionário da província paulista.

Preso em 1842 no Rio Grande do Sul, é em seguida trazido ao Rio de Janeiro, onde permanece sucessivamente na **Fortaleza de Lage** e no Forte de Villegaignon, até ser anistiado, em 1844.

Volte aqui depois de ler **O verdadeiro amor de Domitila, a Marquesa de Santos** e responda à pergunta implícita no título: **quem seria esse verdadeiro amor de Domitila? Pedro ou Raphael?**

É do povo a memória, o resumo, a História.

Vem comigo, leitor. O som de violinos afinando já se encerrou.

E a luz do palco acaba de acender.

Está correndo a cortina.

Veja ...



*O verdadeiro amor de Domitila,
a Marquesa de Santos*

por Admar Branco

No início a luz divina
Cerca e acolhe em paz os dois
Entre beijos ouvem valsas
Não há choro – isso é depois
Pedro encontra Domitila
Jura a Deus jamais feri-la
E lhe dar chuva de arroz

No Brasil da Monarquia
Conta o *Istoriador* (1)
Mais que o grito do Ipiranga
Ecoou longe o rumor
De um amor que, distraído
Com a flecha do Cupido
Atingiu o Imperador

Quero que essa flecha volte
Com sangue real de tinta!
Pra escrever por onde vinha
Nosso príncipe, da Quinta
Para a Casa da Marquesa
Num túnel (!), em correnteza (?) (2)
Quem puder que a desminta...

O relato do romance
Quase o mundo inteiro ouviu
Nesse tempo em que a fofoca
Viajava de navio
Abalou até a Europa
Parecendo uma Copa
Quando é jogo do Brasil

Na Colônia, aqui, o homem
De poder, mão na chibata
Procurava na senzala
Diversão da mais barata
Usurpando, aventureiro
O que não compra o dinheiro
Como pobre psicopata

Mas não foi assim com Pedro
Que hoje o exagero aclama
Por ter sido numerosa
A lista na sua cama

Era, sim, um mulherengo
Se jogasse no Flamengo
Não ganhava tanta fama!

Pra ser justo com esse amor
Lembre que até Romeu
Antes de ver Julieta
A outra musa se deu
Indo atrás de Rosalina
Topou com outra menina
E a primeira esqueceu

Nos perdoe Leopoldina
Mãe e esposa diligente
Em tudo nobre parceira (3)

Feliz ou infelizmente
Para Pedro a primeira
Foi Domitila, faceira
Quem o fez mais sorridente

Pois amou Pedro Primeiro
Cujo nome segue adiante
Cante e mostre à professora
Que é bom (ou boa) estudante
Chame só Pedro de Alcântara
Se quiser; mas quem o canta
Memoriza num instante

Pedro de Alcântara *e mais*
Francisco Antônio João
Carlós Xavier de Paula
Miguel Rafael Joaquim
José Gonzaga Pascoal
Cipriano Serafim
De Bragança e Bourbon

Eu senti que você riu
Com um nome grande assim
Que foi chique no passado
E hoje fica até ruim
Pra você achar a rima
Leia de baixo pra cima:
Serafim com Joaquim...

Grande em nome e coração
Pedro deu para Titília
Apelido da amada
Presente de pai pra filha

Um palacete real
E nele um salão oval
Que era como sua ilha

Na presença um do outro
O mundo sobrou de lado
Esqueceram-se da vida
 Dom João, preocupado
 Formalizou o divórcio
 De Titília, algo mavórcio (4)
 De tão pouco utilizado

Nossa linda Domitila
Foi casada antes de Pedro
Era bem emancipada
Não se escondia em segredo
 Moça muito inteligente
 Foi ficando influente
 E a respeitavam por medo

Teve com Pedro meninas
Mesmo com a Corte contra
Isabel Maria, uma
Maria Isabel, a outra
 Na forte paixão ardente
 Sete anos resistente
 É verdade, veja a conta (5)



Quando enfim é obrigada
A viver como plebéia
Com o anúncio da união
De Pedro com outra européia
Domitila ri primeiro
E se une ao Brigadeiro
Que amará sem ter idéia

Veio um tempo então tristonho
E Dom Pedro abdicou
 O seu coração alado
 Não levantará mais vôo
 Onde o atingiu a flecha
 Resta latejante a brecha
 Que jamais cicatrizou

Também foi para Titília
Tempo amargo em solidão
Raphael, o Brigadeiro
Acudiu, chapéu na mão
Mas o revolucionário
Pro monarca não é páreo
E o trancam na prisão

É aí que a Marquesa
Pede a Pedro Segundo
O que, para ela, é certo
Tem maior valor no mundo
Dedicar-se a seu Tobias
Que então vive tristes dias
Preso e quase moribundo

Teve esse Imperador
Contra quem se insurgiu
O marido de Titília
Belo gesto varonil
Reconhece o amor perfeito
E assinando atende ao pleito
Uma lágrima gentil

Pedro 2º Alcantara

Pela lei de Domitila
O amor resiste à cela
A mais alta autoridade
Aprende ali com ela
Soube enfim, contendo o pranto
Por que o pai amara tanto
Das Marquesas a mais bela...



Só depois da sua morte
Foi que o povo compreendeu
A nobreza de uma moça
Que casou com seu Romeu
Aos quarenta e cinco anos...

Pois quem pode ler os planos
Cujo autor silente é Deus?

Ao amor mais verdadeiro
Meu Senhor, mantém-me preso
Do tipo que deixa o rei
E o soldado indefeso
No momento derradeiro
Peço, ó Pai, olhe primeiro
Por quem dele tem desprezo

O amor, primo da fé
Da esperança é irmão
Alumia em luz brilhante
O esplendor do coração...
Contra o mundo inteiro luta
Vence até a força bruta!
Sem ele, o trono é vão

Para Márcia Izabel,
que inspirou este cordel

Rio, julho de 2008.

ILUSTRAÇÕES:

Página 3 – xilogravura de Ciro Fernandes

Página 5 – croquis de Fábio Fragelli

Página 13 – foto da Marquesa de Santos aos 69 anos

FOTO (Mestre Azulão e Admar) na página 2 gentilmente cedida por Daniel Voto

NOTAS:

(1) título jocoso com o qual se identifica o jornalista e escritor Eduardo Bueno: "Historiador com I maiúsculo!"

(2) referência a um túnel secreto que teria sido construído por Pedro durante a reforma dos dois sobrados que resultaram no Solar da Marquesa de Santos, ligando o Paço ao imóvel onde residia sua preferida.

(3) Segundo a jornalista e escritora Cecília Costa, "Pedro (...) parecia amar sua intelectual companheira, mas não queria ser dominado na cama por uma mulher que sonhava em alemão" (artigo para o site da ABI – www.abi.org.br)

(4) Mavórcio quer dizer marciano. É usado aqui como sinônimo de esquisito, e para brincar com a dificuldade em arrumar rimas exatas para algumas palavras.

Nas duas estrofes seguintes, o autor prefere se valer de rimas aproximadas. Opção para os versos finais desta estrofe:

*Formalizou o divórcio
De Titília, que era um troço
Muito pouco utilizado*

(5) O relacionamento de Pedro e Domitila durou sete anos, de 1822 a 29, quando o imperador se casa com Dona Amélia.

De como Lampião salvou Domitila da humilhação

por Admar Branco

(após idéia de Leônidas Cardoso Jr.)

Disse Joseph Luyten
Que os poetas cordelistas
Na era medieval
Já nasceram bons cronistas
Cantando as novidades
Com seus fatos e verdades
Verdadeiros jornalistas

Me formei em jornalismo
Com muita dedicação
É 18 mil e dez
Meu registro de inscrição
Também tenho OMB
Quando toco é sem beber
Minha cana é o violão

A todos agora chamo
De dentro deste livreto
Mesmo sabendo que muitos
Ainda não têm, prometo
Revelo aqui meu *iscaipe*
Beleza? Alô, *boi bumbaique!*(6)
Reduz gasto e se ouve o texto

Quem estuda sua História
Do tempo aprende lição
Mas às vezes o artista
Tem que usar da ficção
Alguém tem que dar um jeito
Quando finda-se o respeito
Como acaba a perdição?



Quando vê uma injustiça
Tem muita gente que chora
Outros gritam *credo em cruz!*
Ai, meu Deus, Nossa Senhora!
Mas recordo a voz amiga
Que numa canção antiga
Diz *quem sabe faz a hora*

Todo lampião acende
Mas tem um que faz justiça
Vive no sonho do povo
Tão sagrado quanto missa
Esse espírito guerreiro
É daquele cangaceiro
Que o nosso brio atija

Este cordel, educado
Vem denunciar a troça
Da promessa de Dom Pedro
Que jamais casou na roça
Ao morrer Leopoldina
Essa história não termina
Aí mesmo é que ela engrossa

Porque Pedro fica noivo
De uma outra mulher
Que na vida de Titília
Quer meter sua colher
E exige seja expulsa
Quem só lhe causa repulsa
Que se vá para onde der



Acontece que bem perto
Dessa casa da Marquesa
Chegou da Serra de Angicos
Um chapéu da realeza
Por debaixo dos enfeites
Importado dos *Isteites*
Veio junto outra riqueza

Um cristal bem feito e fino
Capaz de brilhar no escuro
Que deixa o chapéu aceso

Sete credos, *duscunjuro!*

Se transforma em fogo alto
Vendo, o gato dá um salto
Some por cima do muro



Nessa noite de São João
Lá brincava Marabá
Dançando bumba-meu-boi
Gingando de lá pra cá
Cansado, ele sai e avisa
Vai ali trocar camisa
E tomar um guaraná

Quando tira seu chapéu
Pra sentir melhor o ar
Lento cai vindo do céu
O balão a flutuar

Pousa na sua cachola

Ele termina a acerola
E sai prum particular



E num passo bem ligeiro
Vai seguindo pela rua
Quando vê já é de noite
Está meio estranha a Lua
Então chega ao cemitério
Onde um homem, muito sério
Lhe diz *Anda, pega a sua*

Atirando-lhe uma espada
Dá início a um combate
O barulho dessa esgrima
Se escuta em toda parte
Num sorriso diz *eu sei!*
Um valente eu encontrei
Que aprendeu do aço a arte

E lhe diz vá lá na Feira
Peça a Maria da Guia
Para nesta quarta à tarde
Escutar a poesia
Que defende Domitila
E tomar a camomila
Embaixo da escadaria (7)

Para conhecer o túnel (2)
Vão Da Guia e Marabá
Visitando o Museu
Nem atinam quem vem lá
Pelo espelho da Marquesa
Em trajes de realeza
Passam Corisco e Dadá

Marabá é Lampião
Domitila é Da Guia
Ele vem de carruagem
Lhe oferece moradia
Na Feira de São Cristóvão
Lá onde os poetas trovam
Dia e noite, noite e dia

E pela Pedro Segundo (8)
Partem quase invisíveis
Os passantes ficam bestas
Dando risadas incríveis
*Olhe, quase estão voando
Com cavalos de ouro em bando
Diz quem é esse ourives!*

Logo que entram na Feira
Lá vem Maria Bonita
Sacudindo uma peixeira
Domitila salta aflita
Mas graças ao cavalheiro
Com roupa de Brigadeiro
Na morte desacredita

Surge um enorme clarão
E então mais ninguém se arrisca
As ruas ficam paradas
De alerta em pisca-pisca
Pra entender que luz é essa
Que os leva longe à beça
Alto até perder de vista

O chapéu voa de volta
Pra cabeça do Corisco
Lampião acena em riso
Beija Maria sem risco
E o Brigadeiro Tobias
Todo envolto em alegrias
Testa o sonho num belisco

Retornando pro seu canto
Seguem com missão cumprida
Caminhando pelo ar
Voltam para sua lida
Todos se vestem de branco

Acenam ao homem manco
Marquecista (9) toda vida

Essa história aqui acaba
E, quem sabe, o sofrimento
De quem não quis dar vitória
A quem cede ao fingimento
Quem quiser que conte outra
Vou selando a minha potra
Pra correr na aba do vento

Antes de montar na sela
Guarde seu livro de História
No dia da Independência
Lembre a data; comemore-a!
Para entender o presente
Pra que o povo sempre tente
Um final melhor, de glória.



Rio, agosto de 2008.

NOTAS

(6) na vertical, o login do autor no Skype (famoso serviço VoIP, voz sobre IP = endereço na Internet) + *Boi Bum-Bike*, apelido para a engenheira de Leonardo Fuks: um boi bumbá de bicicleta, grafado aqui *boi bumbaique*, um parente do Pavão Misterioso (v. romance em cordel de mesmo título)

(7) menção à loja *Embaixo da Escada*, do Museu do Primeiro Reinado

(8) Avenida Pedro II, 293 - endereço da Casa da Marquesa de Santos (Museu do Primeiro Reinado)

(9) grafia à moda do dicionarista Luiz Antonio Sacconi

ILUSTRAÇÃO na pág. 17 – óleo sobre tela de Marysia Portinari

POSFÁCIO

“Admar Branco é um jornalista disciplinado, investigativo e dos melhores da sua geração.

Além de possuir grande senso de oportunidade e perceber quando de fato um tema é relevante, Admar narra e escreve com total correção, observando com maestria os vocábulos da Língua Portuguesa. Rico em sinônimos, em antônimos... na escolha das palavras. Dai, ter enveredado, por consequência, nos caminhos da literatura.

Em “O verdadeiro amor de Domitila, a Marquesa de Santos”, Admar, em linguagem simples e prazerosa, no melhor estilo Cordelista, narra, com suavidade e pitadas de fino humor e elegância, o romance da nossa marquesa, de forma emocionante, resgatando situações e aspectos bastante interessantes.

Esse livro merece os nossos vivos aplausos e, ao mesmo tempo, permanecemos agora com a esperança de que muitos outros sejam brevemente também lançados. Aliás, a Literatura de Cordel precisa ser cada vez mais difundida e discutida, não somente nas academias de letras, mas, sobretudo, em nossas universidades.

Parabéns, pela iniciativa, pelo texto e pela criatividade demonstrada.”

Paulo Alonso

Academia Carioca de Letras
Academia de Letras do Estado do Rio de Janeiro
Academia Internacional de Educação
Academia de Direito e Semiologia
Associação Brasileira de Educação

PATROCINADORES (na Feira de São Cristóvão - Centro Municipal Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas - Campo de São Cristóvão, s/nº - CEP 20.921-440 - Rio de Janeiro - RJ):

Barraca da Chiquita
www.barracadachiquita.com.br
 (21) 3860-2929 / 3860-2047
 Av. do Nordeste, em frente ao palco Jackson do Pandeiro

Barracão do Aconchego
www.barracaodoaconchego.com.br
 (21) 3891-6798 / 3891-6796
 Rua Piauí, 23, em frente ao palco Jackson do Pandeiro

Carmen Arte & Artesanato
 (21) 3860-4872
 Rua Paraíba D 93/94, entrada próxima à Caixa Econômica (segunda rua à esquerda vindo da Banca de Mestre Azulão)

Barraca Flor do Nordeste
 (21) 3860-2038
 Av. do Nordeste A 43/44, próximo ao palco João do Vale
www.flordonordeste.com.br

Barraca Conexão Mandacaru
 (21) 3860-4985
 Av. do Nordeste, A 41/42, próximo ao palco João do Vale
www.conexaoemandacaru.com.br

APOIO

Associação dos Feirantes do Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas
www.feiradesaacristovao.org.br

Livraria Graúna2004
 (21) 3860-4962
 Rua Pernambuco D39 – primeira à esquerda vindo pela entrada onde fica a estátua de Luiz Gonzaga
livrariagrauna2004@yahoo.com.br

Faculdades Anglo-Americano
www.angloamericano.edu.br

AGRADECIMENTOS DO AUTOR

A Márcia Izabel Dias Lima, pela idéia do cordel e o pronto-socorro no Corel;

A Maurício Azevedo e Marcelo José Ibrahim de Miranda, pelo apoio sempre gentil à pesquisa na biblioteca do Museu do Primeiro Reinado;

A Klévisson Viana, pela troca de experiências por e-mail e pela belíssima capa de presente;

Ao professor Ivan Cavalcanti Proença, pelo extremado zelo com as tradições culturais do nosso povo;

A Mestre Azulão, pelo incentivo fundamental, de valor incalculável;

A Paulo, Ana, Maria da Guia, Marabá, Alex, Leônidas, Chiquita, Flávio, Ercília e toda a turma da Feira;

Ao Anderson e ao Marcos Clevis, da Editora Teatral, pela dedicação e sensibilidade;

Aos atores Claudio Andrade, Daniele Coutinho, Afonso Celso, Andréia Silva, Afonso Malecha e o querido D. João XVI André Mattos;

Ao meu filho, Fábio Fragelli, pela disposição em contribuir para as ilustrações;

E ao meu inesquecível pai baiano, Admar de Magalhães Brandão, pelo exemplo de amor à Vida e à Justiça.

Ufa! Cansou, né? Valeeeeee!





10361

Admar Branco, jornalista e músico carioca, atua como professor de redação jornalística na Associação Brasileira de Imprensa. Iniciou sua carreira como cordelista para comemorar, na língua do povo, a aprovação no Congresso da lei da guarda compartilhada dos filhos, em vigor desde 18 de agosto de 2008.

Seu cordel ***A peleja dos pais separados pela guarda compartilhada*** teve vertiginosa carreira, chegando às mãos do presidente da República durante a cerimônia de sanção da lei.

Apoio:

**Leonardo Fuks / Marco Miglietta / Ana Cristina Rosado
Dr. Gilberto Cabral / Paulo Gramado / Simone Villas-Boas**

